

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Miguel Sobrinho Di Risio

O Olubajé de Odé: fragmentos da vida no terreiro

Juiz de Fora

2026

Miguel Sobrinho Di Risio

O Olubajé de Odé: fragmentos da vida no terreiro

Memorial descritivo para conclusão de curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharelado em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Barbosa Torres Americano

Juiz de Fora

2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Di Risio, Miguel Sobrinho.
O Olubajé de Odé : fragmentos da vida no terreiro / Miguel Sobrinho Di Risio. -- 2026.
55 p.

Orientadora: Letícia Barbosa Torres Americano
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2026.

1. Jornalismo Literário. 2. Umbanda. 3. Jornalismo de Subjetividade. 4. Livro-reportagem. 5. Perfil. I. Americano, Letícia Barbosa Torres, orient. II. Título.

Miguel Sobrinho Di Risio

O Olubajé de Odé: fragmentos da vida no terreiro

Memorial descritivo para conclusão de curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharelado em Jornalismo.

Aprovado em — de —-- de

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Letícia Barbosa Torres Americano - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Profa. Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Prof. Dr. Rodrigo Fonseca Barbosa
Universidade Federal de Juiz de Fora

A Omolu, Oxum e Oxóssi os senhores da minha cabeça e da minha vida

A todos os meus guias espirituais que me protegem, aconselham e consolam nos dias difíceis. A Dona Rosa Vermelha, ao Seu João Caveira, ao Caboclo Pena Branca, ao Baiano Zé da Estrada, ao Pai José, ao Palhinha e todos os outros espíritos que rondam a minha vida e os meus caminhos. Vocês me ensinaram o que é viver.

AGRADECIMENTOS

Terreiro é sinônimo de coletividade, de união, de família e por isso não posso me omitir em agradecer a todos aqueles que me inspiram

Agradeço a todos os meus pais, a Luciano, que me criou e ensinou, a Chiquinho, João Pedro e Carlos Alberto que me aceitaram e ensinaram dentro da casa de Pai Oxóssi e Cipriano das Almas

Agradeço a todas as minhas mães, a Desirée, que me criou e com quem compartilho as maiores semelhanças, a Daniele, Dione, Carmem, Divone e Terezinha que me ensinaram não só sobre a vida, mas sobre caráter e amor

A todos os mestres que encontrei nos caminhos da Universidade e do trabalho, que me abraçaram tanto quanto me ensinaram. À minha maior mentora, à professora Letícia Torres. Aos professores Rodrigo Barbosa e Iluska Coutinho pela inspiração e acolhimento. À Thassi, Vanessa e à Letícia Delgado por acreditarem em mim

Às minhas eternas companheiras com quem compartilho as melhores lembranças e o mais genuíno amor. À Giovanna Donato, por ser minha amiga desde sempre. À Júlia Real, o maior presente que a Casa de Oxóssi me deu. À Camila Santos, minha eterna confidente e companheira, à Vitoria Cavalcanti e Bianca Giudice, às alegrias dos meus dias na Universidade.

Às minhas melhores amigas, Larissa Rezende, Larah Fábia e Ana Carolina Santos que nunca me deixaram mesmo nos dias mais sombrios. Vocês são a luz da minha vida.

Desejo que Omolu, Oxum e Oxóssi protejam seus caminhos, mesmo quando eu não estiver mais aqui para pedir isso a eles.

RESUMO

O presente memorial tem como objetivo apresentar a experiência de elaboração do livro reportagem: “ O Olubajé de Odé” , construído sob os conceitos do Jornalismo Literário e suas derivações como o Jornalismo de Perfil e o Jornalismo de Subjetividade. O presente trabalho está subdividido de forma a, em um primeiro momento, apresentar o projeto que originou o livro com sua justificativa, fundamentação teórica, breve descrição dos capítulos, escolha de título e seu projeto gráfico. Em um segundo momento, este memorial se dedica a relatar o processo de confeccionar o livro-reportagem, começando pela escolha de temas, escolha de fontes, preparação e pauta, entrevistas e encerrando com o processo de escrita do produto jornalístico. O livro , a qual este memorial se refere, possui como objetivo apresentar um olhar humanizado sobre a Umbanda. Ele está dividido em seis capítulos, onde através da história dos entrevistados são explorados aspectos e elementos fundamentais para a religião, que muitas vezes são incompreendidos e alvo de preconceitos por parte da sociedade.

Palavras-chave: Jornalismo Literário, Umbanda, Jornalismo de Subjetividade, Livro-reportagem, Perfil

ABSTRACT

This report aims to present the experience of creating the book-report: “O Olubajé de Odé”, constructed under the concepts of Literary Journalism and its derivations such as Profile Journalism and Subjectivity Journalism. This work is subdivided in such a way that, firstly, it presents the project that originated the book with its justification, theoretical foundation, brief description of the chapters, choice of title and its graphic design. Secondly, this report is dedicated to recounting the process of creating the book-report, beginning with the choice of themes, choice of sources, preparation and agenda, interviews and concluding with the writing process of the journalistic product. The book, to which this report refers, aims to present a humanized view of Umbanda. It is divided into six chapters, where, through the stories of the interviewees, fundamental aspects and elements of the religion are explored, which are often misunderstood and the target of prejudice by society.

Keywords: Literary Journalism, Umbanda,Journalism of Subjectivity, Book-report, Profile

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO ……..**10**

2 JUSTIFICATIVA ……**11**

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA ……**13**

3.1 UMBANDA: UM UNIVERSO DE MISTURAS SAGRADAS……...**13**

3.2 FERRAMENTAS PARA NARRAR O SAGRADO :O JORNALISMO LITERÁRIO NA CONSTRUÇÃO DO OLUBAJÉ DE ODÉ……..**17**

4 "O OLUBAJÉ DE ODÉ": O PROJETO DO LIVRO-REPORTAGEM……..……**22**

4.1 A ESCOLHA DO TÍTULO……..**23**

4.2 CAPÍTULOS……**24**

4.3 PROJETO GRÁFICO……..**28**

5 RELATO DE EXPERIÊNCIA…….…….**30**

5.1 ESCOLHA DE TEMAS E CAPÍTULOS…….……**30**

5.2 ESCOLHA DE FONTES…….……**33**

5.3 PAUTA E PREPARAÇÃO…….……..**34**

5.4 AS ENTREVISTAS……..……..**36**

5.5 O PROCESSO DE ESCRITA……**40**

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS…….……..**43**

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS…….……**44**

1. Introdução

Quando penso nos vinte e dois anos de vida encarnada que tive até aqui, não consigo separar a Umbanda das outras questões da minha existência. Acho que para tudo eu conseguiria contar alguma história sobre como a minha religiosidade estava, de alguma forma, envolvida ali. Desde as coisas mais banais, como as paixões da adolescência, até a morte de uma das mulheres que me criaram. E é claro que o meu ingresso na Faculdade de Comunicação da UFJF também é permeado pela minha crença. Ainda mais que, prestar vestibular e manter uma saúde mental estável no período da pandemia de Covid-19, não foi uma das tarefas mais fáceis do mundo. Tive muito o que recorrer aos céus e às encruzilhadas.

Aos quatorze anos de idade, tive o desejo de me iniciar no terreiro de Umbanda Pai Oxóssi e Cipriano das Almas, lugar em que meus pais já estavam presentes há cerca de 25 anos. Meu pai inclusive participou da obra que construiu aquela casa. Na idade que eu possuía na época, o ato de "ter certeza" era algo quase ilusório, mas eu sentia que não me encaixa na comunidade católica que frequentei até meus quatorze anos. Talvez fosse a mediunidade já me chamando ou só a vontade de ter algo que de fato me ajudasse a lidar com as pedras da vida.

Eu poderia dizer muitos eventos que me despertaram a vontade de escrever este livro, coisas que vi, que senti, pessoas que conheci dentro do terreiro - algumas já falecidas, outras que são grandes amigos e até mesmo pessoas por quem me apaixonei - e muitas outras coisas sobre a vida na Umbanda. Acho que para resumir, eu diria que meus motivadores foram o amor pela minha fé e também o ódio que sinto sobre a situação nas quais os filhos de terreiro são submetidos, uma realidade violenta registrada tanto pela imprensa quanto pelas estatísticas como será apresentado na justificativa deste projeto.

O ódio, esse sentimento tão horrível que carrego, é muito alimentado pelo tanto de notícias que sou bombardeado com terreiros destruídos, irmãos apedrejados ou humilhados, algo que para mim apenas evidencia um pouco da situação que vivemos, principalmente quando pensamos sobre o racismo e a intolerância, que para mim sempre serão fruto do capitalismo selvagem e brutal que estamos submetidos.

Mas apesar da raiva, o amor que sinto sempre se sobressai quando penso em meus orixás, em como para mim eles se tornaram o sinônimo de viver. Respirar é estar com os orixás, conseguir sair da cama de manhã é porque Exú está no caminho, ter calma e não ter desistido até hoje é porque têm Preto-Velho, Caboclo e Baiano me consolando e dando forças. Tudo

isso despertou o desejo de escrever, de contar sobre e de buscar ir na contramão do jornalismo diário e falar das belezas e da simplicidade da vida dentro da Umbanda.

O embrião deste projeto nasceu ainda nos períodos iniciais do curso de Jornalismo, especificamente através de uma reportagem produzida na disciplina Produção e Redação em Jornalismo Impresso II - atualmente chamada de Redação Jornalística II. Sob a orientação do professor Rodrigo Fonseca Barbosa, produzi uma grande reportagem com histórias de praticantes da Umbanda e do Candomblé em Juiz de Fora. Nessa reportagem, intitulada "Noites de Magia: Histórias de Umbanda e do Candomblé juizforano", além de entrevistar filhos de terreiro, foi quando experimentei a aplicação do jornalismo literário e a possibilidade de me inserir enquanto personagem dentro do trabalho jornalístico. Ali percebi a vontade de exercer o Jornalismo Literário, algo que acredito ser minha principal paixão dentro da Comunicação.

Com o passar do tempo, a ideia de estender a reportagem que produzi em um livro, permaneceu fixa na minha mente, porém com ressalvas e dúvidas originadas de minhas próprias inseguranças. No entanto, quando fui entrevistado por Carolina Saiki, para o livro reportagem "Como você vive?", acho que encontrei ali um vislumbre da possibilidade de concretizar o que eu pensava, além de também poder me inserir como um personagem e contar um pouco de meu amor, em paralelo às histórias que pretendo narrar. Cabe lembrar, que o projeto de Carolina também foi um Trabalho de Conclusão de Curso, defendido na Faculdade de Comunicação da UFJF.

Com essas inspirações, o presente projeto será um livro-reportagem com seis capítulos, contando com um capítulo introdutório e os demais contendo reportagens perfil de pessoas de terreiro que vivem e exercem sua fé em Juiz de Fora. Além disso, esses perfis serão direcionados de forma que também abordarão aspectos da vida do terreiro e também questões geradoras de dúvidas entre não adeptos. Os temas escolhidos são: Incorporação e mediunidade, Pontos cantados, Sincretismo com outras espiritualidades, A entidade Exú e sua associação errônea com figuras diabólicas e a popularização das religiosidades afro-brasileira para além dos terreiros.

2. Justificativa

Retratar a Umbanda com um olhar mais humano e próximo é o que resume a proposta deste trabalho. Ao observar as religiões de matriz africana na grande mídia, principalmente nos veículos nacionais, a pauta mais recorrente é a violência. Ao utilizar o mecanismo de busca

do portal G1 e colocar a palavra “Umbanda”, pode-se observar um total de 33 notícias que abordam a religião, no período de 1º de Janeiro a 1º de Julho de 2025. Essa pesquisa breve e apenas para fins de demonstração - já que nossa proposta não é uma investigação acadêmica sobre a representação da Umbanda na mídia - considerou apenas notícias que apontam algum aspecto da religião, menção a um terreiro ou liderança ou datas comemorativas relacionadas aos orixás ou outros aspectos da religião. Portanto, desconsiderou-se agendas culturais que possam ter produções sobre a religião ou matérias que apenas mencionam a religiosidade ou seus líderes. Das 33 notícias encontradas, 21 delas abordavam algum tipo de violência contra as populações de terreiro.

Como isso, buscamos exemplificar como a violência paira sobre a produção noticiosa sobre a Umbanda. É imperativo destacar que a violência evidenciada nos jornais afeta diretamente a vida das pessoas. Para se ter uma ideia, segundo a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, foram registrados 53 casos de intolerância religiosa em Juiz de Fora no ano de 2024, sendo 27 violações comprovadas de restrição do direito à liberdade religiosa, 15 denúncias e mais 11 protocolos de denúncia registrados (Brasil, 2024).

Observa-se que a violência paira na vida dos praticantes da Umbanda. Por conta dessa recorrência, deixa-se de lado a diversidade e a riqueza da vida dentro dos terreiros. As vivências dentro das Umbandas é permeada por diversas complexidades, desde os rituais até a interação e a presença das entidades e orixás na vida de seus filhos. A lógica produtiva do jornalismo se atém aos critérios de noticiabilidade e, portanto, optou majoritariamente pelo retrato da violência, por questões de atualidade e relevância da notícia. Não se pretende, importante ressaltar, de atacar as práticas consolidadas em séculos de Jornalismo, mas buscar através das ferramentas do Jornalismo Literário para trazer um olhar mais humano, se valendo para isso das histórias de vida dos personagens, e também de meu olhar enquanto autor deste livro, mas também alguém que há anos está inserido nesse mundo religioso.

Deve-se mencionar também que a emergência das religiões de matriz africana, em Juiz de Fora e no Brasil como um todo, também trazem o interesse do público como algo que justifica a existência deste trabalho. De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Umbanda e Candomblé cresceram cerca de 0,7% em adeptos em 2022 (data do censo divulgado em 2025). Em anos anteriores registou-se cerca de 0,3%, com esse crescimento totalizando 1% de adeptos. Já em Juiz de Fora, o aumento foi um pouco maior, saindo de 0,36% para 1,18%.(IBGE,2025) Em termos proporcionais à população brasileira, ainda é um crescimento tímido, porém existem diversas variações, como o espaço amostral escolhido para a pesquisa e também as pessoas que não se sentem confortáveis em declarar

sua religião. No entanto, cabe tomar estes dados como um indicativo, como um horizonte de crescimento entre as religiões de matriz africana, e portanto algo que torna este projeto mais próximo do interesse do público (e do interesse público de certa forma.)

Em resumo, justifica-se a existência deste projeto, sobretudo pela tentativa de narrar histórias humanas e reais, em um contexto dominado pela intolerância e em um cenário de emergência das religiosidades de matriz africana. Isso também se junta à necessidade de elucidar sobre questões que circundam a vida da Umbandas como uma maneira didática de apresentar a realidade do terreiro para além dos preconceitos. Procura-se, sobretudo narrar experiências de vida, trazer as questões sobre a vida religiosa com toda a sua beleza através do jornalismo.

3. Fundamentação Teórica

O objeto deste trabalho está inserido em um amplo universo religioso e cultural e que será trabalhado de maneira diferente do jornalismo tradicional. Construir um retrato de um universo em que estou apaixonadamente inserido, há tantos anos - como dito na introdução deste projeto - seria quase impossível, se eu o fizesse com as ferramentas usuais do jornalismo e seus critérios de objetividade e imparcialidade. Pensando no objeto e na proposta deste trabalho, dois breves panoramas teóricos serão apresentados: um sobre a Umbanda e o outro sobre o Jornalismo Literário e suas derivações que orientaram a realização do livro-reportagem “O Olubajé de Odé”, encaminhado em separado.

3.1 Umbanda: Um universo de misturas sagradas

Em suma, pode-se entender a Umbanda como uma religião monoteísta, essencialmente brasileira e que figura entre as religiosidades afro-brasileiras (Vieira,2016,p.4). Silva (1994) a define da seguinte maneira:

> [...] a Umbanda constitui-se, portanto, como uma forma religiosa intermediária entre os cultos populares já existentes. Por um lado, preservou a concepção Kardecista do carma, da evolução espiritual e da comunicação com os espíritos e, por outro, mostrou-se aberta às formas populares de culto africano (Silva,1994,p.112)

A religião umbandista possui uma natureza sincrética que vem desde o início da colonização portuguesa, em que os iorubás[1] (e também demais povos de origem africana trazidos ao Brasil) utilizaram o sincretismo como uma forma de preservar seus cultos originários, mas os adaptando ao cristianismo imposto aos escravizados pelo imperialismo português. (Costa,2013,p.44). A preservação da religiosidade iorubá incorporou o culto aos orixás[2] na religiosidade do povo preto, que se somou aos demais elementos religiosos do kardecismo, do catolicismo e da cultura indígena.

Sobre esta última, cabe salientar que houve um profundo processo de desagregação cultural e de ressignificação dos elementos da cultura. A figura do grupo de entidades chamadas Caboclos, surge, segundo Isaia (2020,p.193) das " ressignificações das antigas crenças dos bantos e que no Brasil foram ao encontro do culto aos primeiros donos da terra: os índios." Devido à colonização e essa ressignificação cultural e religiosa prolongando ao longo dos séculos, o autor não define ao certo uma etnia ou religiosidade indígena específica que foi agregada ao caldeirão religioso da Umbanda, mas sua presença é inegável tanto na bibliografia quanto na práxis da religião.

A pluralidade do processo de mistura cultural entre as diversas denominações religiosas presente no Brasil, desde a colonização até o século XX (onde se registra o "nascimento da Umbanda"), torna a tarefa de narrar a origem da Umbanda, algo complexo. Essa amplitude, não permite a afirmação da existência de um marco fundador, mas de um "marco-mito", ou um "mito de fundação" que Eliade (2000) define da seguinte forma:

> [...] o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares. [...] O mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos. [...]é sempre portanto uma narração de uma criação, descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir [...] (Eliade, 2000, p.12-13)

Conforme a definição de Eliade, observa-se que na Umbanda, existe uma realidade cultural extremamente rica e complexa que torna seu mito de fundação algo muito discutido dentro do meio umbandista, principalmente em termos da realidade de seus acontecimentos.

---

[1] O iorubá se refere tanto à língua quanto à etnia de parte dos escravizados trazidos ao Brasil. Devido a desintegração cultural e mistura com as demais etnias africanas pouco se conhece acerca de sua origem e bases. Dentro dos terreiros de candomblé, é comum o uso do iorubá durante os rituais, porém uma versão já mudada em relação a sua origem (ALVES,2016)

[2] Os orixás são divindades advindas dos cultos tradicionais africanos, que regem diferentes aspectos da natureza e que são cultuados tanto na Umbanda, quanto no Candomblé e demais modalidades de cultos de matriz africana.

O mito de fundação conta que em 15 de novembro de 1908, o então adepto do espiritismo de vertente kardecista, Zélio de Moraes, teria recebido a entidade Caboclo das Sete Encruzilhadas[3]. Inicialmente, cogitou-se a possibilidade das manifestações da entidade se tratarem de alguma patologia semelhante à epilepsia, devido a postura e ações de Zélio não condizerem com as práticas comuns da mesa branca.[4] Ao seguir participando dos rituais kardecistas, descobriu-se a manifestação do Caboclo das Sete Encuzilhadas, um espírito de origem indígena. (Linares; Trindade; Costa,2010,p.21-32.)

O Kardecismo era a religiosidade espírita dominante na elite carioca do começo do século XX, tendo inserção na sociedade brasileira pelo menos desde 1865 (Veiga,2025). Além de preceitos religiosos, também representa uma filosofia própria de compreender a realidade:

> O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações. (Kardec,1859,p.50)

Essa fé é baseada nas obras e reflexões de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), que se tornou conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec. Dentro dessa observação das relações entre os seres humanos e os espíritos, o autor francês determinou diversas características como a reencarnação, a moralidade da causa e efeito, além da comunicação com os espíritos. Além disso, é uma religião cristã que defende a caridade e a prática do bem como aspecto moral. Como é evidenciado na célebre frase do Evangelho Segundo o Espiritismo (Kardec,1864,p.74):"O Espiritismo não traz uma moral nova; apenas desenvolve, explica e amplia a moral do Cristo"

No entanto, a doutrina kardecista não aceitava espíritos indígenas e nem de negros, o que levou ao Cabloco das Sete Encruzilhadas e o próprio Zélio de Moraes a fundarem a Umbanda "já que estavam sendo discriminados pela diferença de cor e classe social" (Rohde, 2009, p.80). A nova religião aceitaria esses espíritos, mas ainda seguiria os princípios da doutrina cristã e teria a caridade como horizonte moral. Apesar de sua importância histórica e sua presença em muitos materiais sobre a Umbanda, o "marco-mito" que conta a história da Umbanda, possui suas limitações como aponta Rohde (2009, p.82):

> [...] a importância do conteúdo relatado no mito de fundação não pode de forma alguma ser tomada como exclusiva, nem no todo, nem em parte.

[3] É um espírito de origem indígena, que faz parte de uma das sete linhas de entidades cultuadas pela Umbanda, uma entidade que incorpora em seus médiuns para conduzir os trabalhos espirituais. O Caboclo das Sete Encruzilhadas, no mito fundador, é tido como o espírito fundador da Umbanda

[4] Um dos nomes utilizados para se referir ao espiritismo de vertente Kardecista

> Tampouco podemos atribuir importância exclusiva a qualquer outro líder ou momento específico na história do complexo universo umbandista, o que certamente configura uma redução interpretativa injusta. Assim, acredito que a história de Zélio, de alguma forma que não podemos precisar, pode ser verdadeira enquanto marco importante (talvez no plano espiritual) para a umbanda em seu processo constitutivo constante.

As questões acerca da história de Zélio de Moraes se mostram até mesmo quando falamos da Umbanda em Juiz de Fora. As primeiras associações que se denominavam como Umbanda - registradas entre 1920 e 1930 - segundo Maria da Graça Floriano (2024,p.108), sequer reconhecinham a figura de Zélio, remontando a origem da Umbanda como algo adivinda da escravidão e uma continuidade dos Canjerês já existentes na Zona da Mata.

O Canjerê é um dos nomes que foram dados pelo clero dos séculos XIX e XX aos cultos praticados pela população preta. Esses rituais eram diversos e incluíam diversas práticas que hoje integram o cosmos da Umbanda. Um exemplo que Floriano (2024) traz em seu livro foi narrado através de um poema escrito pelo educador Antônio Vieira de Araújo Machado Sobrinho, patrono da Fundação Machado Sobrinho, em Juiz de Fora

> Vinte participantes - sendo sete mulheres vestidas de homem - dirigem-se para a mata em uma noite de lua, carregando imagens de santos e outros objetos. Em um determinado momento estendeu uma toalha sobre a qual colocam as imagens e invocam os espíritos, ao som de palmas e cânticos. Durante o culto, bebem cachaça, passam pemba no corpo e a sopram no ar. Supõe o poeta, que suplicavam a Zambi a Zambi-apungo e Deus que lhes tirassem os grilhões do cativeiro. (Floriano,2024,p.23)

Este ritual era a prática comum dos canjerês de Juiz de Fora, sempre ocorridos em matas e locais afastados, mas com diversos tipos de rituais sendo praticados. Esses louvavam os ancestrais, os pretos velhos e os orixás, trazidos principalmente pela herança bantu, principal etnia de escravizados trazida para o sudeste brasileiro.

Apesar de ser uma grande mistura de elementos culturais e religiosos, os preceitos de cada uma das religiões se somam e se preservam, conforme afirma Costa (2013, p.50):

> Nós entendemos que sincretismo é uma mistura de elementos culturais diversos que se agregam para dar origem a um novo conjunto de elementos, agora transmutados e ressignificados, mas que, mantém, em algum grau, as características trazidas das culturas originais.

Diferentemente das grandes religiões monoteístas - Cristianismo, Islamismo e o Judaísmo - a Umbanda não possui um conjunto de regras escritas e institucionalizadas, tal qual os textos

sagrados, mas possui um conjunto de bases comuns aplicadas de distintas formas nos terreiros, como já apresentado: o culto aos orixás e aos santos católicos correspondentes, aos guias espirituais de origem preta e indígena - no caso, os Caboclos, Pretos-Velhos, Exús, Baianos, Boiadeiros, Erês, Pomba-Giras, Marinheiros e suas falanges -, através do contato e da incorporação espiritual advinda do kardecismo. No entanto, a ritualística é distinta para cada um dos terreiros espalhados pelo mundo, portanto não cabe aqui delimitar essa forma de culto, mas se ater às bases comuns. Como afirma Vieira (2016, p.4):

> Existe uma certa autonomia por parte dos chefes de terreiro em estabelecer algumas regras e padrões para o funcionamento da casa. Assim, por exemplo, algumas casas se utilizam de uma maior gama de rituais, como o som dos atabaques, a defumação, as vestes brancas, o fumo dentre outras[...], enquanto outras casas não utilizam mais muitos ritos, porém mantém o mesmo esquema de reuniões, consultas e caridade. Pode-se entender que cada casa segue uma linha de trabalho

Na atualidade, não se sabe ao certo a quantidade de terreiros de Umbanda em Juiz de Fora, dado que não existe um registro formal de todas essas casas. Floriano (2024) registrou para a elaboração de seu livro "Canjerê, Umbanda e Candomblé em Juiz de Fora (MG)" cerca de 133 terreiros - existentes entre 1980 e 1990, - considerando tanto a Umbanda quanto o Candomblé - porém novos dados ainda não são fornecidos pelos órgãos públicos de Juiz de Fora.

A falta de coesão entre a ritualística de cada um dos terreiros, torna a proposta de narrar alguns de seus aspectos uma tarefa muito particular e dependente da experiência e vivência dentro das casas de Umbanda. Pensando nisso, este projeto selecionou alguns aspectos da vida na Umbanda para compôr este livro, que obviamente não vão retratar todo o universo, mas trarão relatos que poderão dar um vislumbre sobre o cosmo da Umbanda a partir do olhar de seus adeptos. Estes aspectos serão apresentados na descrição deste projeto.

3.2 Ferramentas para narrar o sagrado: o Jornalismo Literário e suas vertentes na construção do Olubajé de Odé

Tendo apresentado brevemente o universo do qual este projeto irá se debruçar, cabe agora abordar o estilo de jornalismo a ser empregado na elaboração deste projeto, neste caso o Jornalismo Literário. Tal qual a vastidão da ritualística da Umbanda, o Jornalismo literário

possui um amplo campo, com diversas bases comuns, mas que variam em cada exercício jornalístico em que é utilizado. Como afirma Mônica Martinez (2017, p.25):

> Aparentemente, até agora todas as tentativas de definição sobre Jornalismo Literário redundaram em fracasso. Afirmação que acreditamos ser correta, pois não parece haver de fato consenso sobre este termo, seja no Brasil ou no exterior.

O que se entende por Jornalismo Literário remonta a uma longa trajetória de experimentação com o jornalismo, mas para Martinez (2017) começa ter ampla repercussão no final dos anos 1950 nos Estados Unidos, com as produções de Gay Talese[5] e Tom Wolfe[6] que defendem o uso dos recursos da literatura para aprofundar e melhor relatar a realidade que cobrem (Martinez,2017,p.25). Estes dois autores inclusive viriam a se tornar expoentes do Novo Jornalismo, que pregaria justamente esse aprofundamento da produção noticiosa.

Partindo desse universo conceitual e da necessidade de dar uma base para este projeto, o conceito de Felipe Pena (2006) será utilizado para nortear a produção aqui proposta, mas ainda tendo em mente a amplitude do conceito. Para o autor, a prática do Jornalismo Literário:

> Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead , evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (Pena,2006,p.6)

Dentro dessa proposta de ampliação da visão do jornalismo, Pena (2006) propõe sete características, que auxiliam a direcionar a proposta de produção do jornalismo literário, a chamada pelo autor de “Estrela de Sete Pontas” . Que em síntese são:

1) Potencializar os recursos do jornalismo, sem romper com os fundamentos da apuração rigorosa, observação atenta e a capacidade de explorar claramente as temáticas
2) Ultrapassar os limites dos acontecimentos, sem se ater apenas aos fatos mais recentes
3) Proporcionar uma visão ampla do tema, oferecendo o máximo de contexto que for possível

[5] Gay Talese é jornalista e ganhou notoriedade trabalhando no jornal The New York Times e na Revista Esquire, onde sua produção que misturava literatura e o jornalismo serviram de base para o que seria definido como New Journalism.

[6] Tom Wolfe (1930-2018) foi o jornalista que definiu as características do New Journalism, tendo escrito um manifesto sobre esse novo estilo de escrita jornalística tendo publicado mais de 10 livros. Para Mônica Martinez (2017), Wolfe é, junto de Gay Talese, um dos expoentes do New Journalism,

4) Exercitar a cidadania e denunciar as mazelas e dificuldades da sociedade
5) Romper com o Lead[7] e ir além da estrutura do jornalismo
6) Ir além das fontes primárias e oficiais; buscar dados complementares e personagens de fora das instituições de poder
7) Ser perene e permanecer atual mesmo anos após a narração dos fatos da reportagem

Acreditamos que a quarta ponta da estrela está no cerne da nossa proposta de Trabalho de Conclusão de Curso, já que ele surge como uma tentativa de apresentar um olhar mais humano sobre a Umbanda, Dessa forma, este projeto pretende exercitar a cidadania, ao procurar trazer a narrativa sobre a vida dentro dos terreiros de Umbanda

Além disso, a perenidade também descrita por Pena (2006) é algo que está no palco desta produção, já que busca falar de aspectos que, independente da época, vão retratar o olhar e a vida das pessoas dentro dos terreiros, visões únicas e particulares;

> O objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada (Pena,2006,p.8)

Tendo em mente os demais mecanismos do jornalismo literário, este projeto se utilizará de outra modalidade de jornalismo para complementar e cumprir sua proposta humanizadora: o jornalismo de perfil, como meio de personalizar as histórias e contá-las com o aprofundamento pregado pelo Jornalismo Literário. Nesse sentido, Villas-Boas (2014), define o perfil jornalístico da seguinte forma:

> GÊNERO NOBRE do Jornalismo Literário, o perfil é um tipo de texto biográfico sobre uma – uma única – pessoa viva, famosa ou não. [...] Diferentemente das biografias de mortos, nas quais os autores têm de enfrentar os pormenores da história do personagem – às vezes tendo de contemplar até as suas ancestralidades e ocorrências póstumas –, o autor do perfil de um indivíduo vivo se concentra apenas em alguns aspectos. A similaridade entre biografia e perfil reside no fato de que, em ambos, tudo gira em torno do personagem central(Villas-Boas, 2014, p.271)

[7] Pena (2006,p.7) define o Lead como uma estratégia narrativa para conferir objetividade à imprensa. Esse método de escrita, define que o primeiro parágrafo dos produtos jornalísticos respondam às seguintes questões relacionadas ao fato noticiado: Quem? O que? Como? Onde? Quando? Por quê?

Para a elaboração deste projeto, o uso do perfil será para trazer dentro das vivências e experiências de cada um dos adeptos da Umbanda, o recorte sobre a sua vida religiosa. Dessa forma, o leitor poderá não apenas conhecer indivíduos e suas histórias, mas os entrepassos da religião na vida de cada um desses personagens. Além disso, será um meio humanizador, algo que o autor menciona ao descrever o gênero:

> Os perfis cumprem um papel importante, que é exatamente gerar empatia no leitor. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias do outro; compartilhar as alegrias e tristezas do outro; imaginar as situações do ponto de vista do outro. (Villas-Boas,,2014,p.274)

O perfil jornalístico também possui como aspecto essencial, a troca com o personagem, uma troca que "tanto interesse ao leitor, quanto ao personagem"(Villas-Boas,2014, p.280) Para isso, no entanto, é importante exercer a observação de maneira aguçada, uma observação que vá além da atenção visual e auditiva às falas do personagem, mas todas as informações sensoriais.

Levando em consideração as postulações de Villas-Boas (2014), é válido dizer que a entrevista, o contato com o outro é um aspecto essencial e indissociável do trabalho de construção de um perfil. A entrevista é algo que vai além da mera coleta de informações pelo repórter, mas se torna uma ferramenta de diálogo e troca entre entrevistador e entrevistado.

> A entrevista, nas suas diferentes aplicações é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. (Medina, 2008, p.8)

Partindo desse pressuposto, da entrevista com meio de chegar ao outro, Cremilda Medina (2008) menciona diversas classificações possíveis para a entrevista, das quais se destacam para os fins deste projeto:

1) A entrevista diálogo[8]: processo em que entrevistador e entrevistado colaboram para trazer luz à respeito do entrevistado ou de um problema relacionado. Neste projeto, pode-se pensar que é busca por trazer uma nova perspectiva para a Umbanda

[8] Neste momento, Cremilda Medina cita em seu texto o conceito de Edgar Morin acerca da Entrevista-diálogo quando enumera os tipos de entrevista.(Medina,2008,p.15)

2) O Perfil Humanizado: processo de entrevista que “mergulha no outro, para compreender seus conceitos, valores, comportamentos e histórico de vida” (Medina,2008,p.18). Neste caso seus olhares acerca da religião umbandista.

Refletindo acerca das conceituações, observa-se que há entre entrevistador e entrevistado uma troca de experiências cujo resultado é o produto jornalístico. No entanto, dentro dos parâmetros do jornalismo tradicional, o repórter se oculta apesar de ser ator no processo de construção da informação, seu olhar se restringe apenas às escolhas de construção da reportagem, para privilegiar a objetividade . Para este projeto, um outro olhar é direcionado dada a impossível separação entre o objeto de interesse (a Umbanda) e o repórter (que vem a ser a mesma pessoa que elabora o presente projeto).

Fabiana Moraes (2015), jornalista e professora pernambucana, ao cobrir a história da transição de gênero de Joicy da Silva, trouxe ao centro do debate a Subjetividade dentro da cobertura jornalística. A objetividade e a subjetividade estão constantemente em debate quando se aborda o jornalismo.Como refletem Chaves e Nocelli (2023,p.3)

> A objetividade é característica do que é imparcial, impessoal e independente de opiniões individuais. Já a subjetividade é inerente ao que é influenciado por experiências pessoais, emoções e convicções. Historicamente, há momentos em que ocorre uma maior ou menor valorização de uma das perspectivas no jornalismo. No entanto, a prática profissional revela que a linha que as separa não é tão bem demarcada.

De modo geral, Moraes (2015) aponta que o Jornalismo de Subjetividade é uma modalidade que se utiliza dos constrangimentos da subjetividade como um ganho fundamental na prática da reportagem. O olhar do repórter se torna um dos muitos mecanismos de construção da notícia, já que não é possível domar o mundo exterior e o mundo do entrevistado. Nesse sentido, o resultado é:

> Uma produção na qual o ser humano é percebido em sua integralidade e complexidade com menos reduções.É certamente, um caminho para minar clichês e lugares-comuns que tantas vezes só engessam nosso olhar sobre o mundo. (Moraes,2015, p.159)

A autora ainda menciona que incluir aquilo que escapa ao controle do jornalista não significa desrespeitar as boas práticas do jornalismo e sua objetividade, mas sim agregar às

produções através de um amadurecimento e entendimento dos limites teóricos e práticos da profissão (Moraes,2015,p.160).

Nesse sentido, o jornalismo de subjetividade se aproxima do conceito de diálogo proposto por Cremilda Medina (2008), já que torna a troca entre o repórter e o entrevistado algo de fato horizontal e o olhar do jornalista também se torna matéria-prima para a notícia. Por sua vez, a liberdade de experimentar, considerando os limites práticos e teóricos da práxis do repórter, também permite uma visão ampla e o ir além da notícia, conforme propõe a Estrela de Sete Pontas de Felipe Pena (2006)

Por fim, tratar da Umbanda neste projeto será uma confluência de métodos e recursos próprios ao jornalismo literário, mas que também terá o olhar deste que vos escreve. Estar inserido nesta vida religiosa desde tão novo me fez ter um olhar particular sobre as coisas, mesmo as maiores dificuldades ou vitórias possuem um dedo dos orixás e entidades que tanto prezo.

Neste sentido, devo dizer, que me valer de um jornalismo literário e subjetivo é uma maneira de construir os perfis dos filhos de terreiro e falar das questões mais basilares da vida na Umbanda. No entanto, ao abordar essa temática, é impossível não falar acerca de minha experiência enquanto praticante da religião, que respeitando os limites da prática jornalística, também será material para a construção deste livro reportagem, que será apresentado a seguir.

4. O Olubajé de Odé: o projeto do livro-reportagem

Em síntese, a proposta deste produto jornalístico pode ser definida em três pontos:

1. Apresentar um olhar humanizado e personalizado dos povos de terreiro através do jornalismo literário
2. Elucidar as questões relativas a vida nos terreiros, fazendo jus ao papel informativo e didático do jornalismo
3. Se valer da subjetividade como meio humanizador do jornalismo e como forma de permitir o aprofundamento e conexão do leitor com a obra, a partir do repórter como personagem e narrador, bem como o aprofundamento da visão religiosa dos entrevistados

O livro se baseia em reportagens perfil de diferentes adeptos da Umbanda em Juiz de Fora, que através de suas histórias de vida elucidem as diversas temáticas da vida dentro dos

terreiros. Essas temáticas foram selecionadas a partir tanto das vivências do repórter com a religião, bem como a recorrência noticiosa de alguns desses temas que serão apresentadas no item 5.1. O intuito dessa abordagem é tentar dar voz e sentimento ao que acontece nos rituais e no culto às entidades e aos orixás.

4.1 A escolha do título

Um dos muitos itans[9] que conta sobre os orixás narra que Nanã, a orixá que cuida da passagem dos espíritos para o mundo dos mortos, teve um filho chamado Omolu que nasceu com feridas em todo seu corpo. Por já ter perdido outros filhos para a doença, Nanã resolveu abandonar Omolu na beira da praia, por temer as chagas que seu filho possuía. O mar levou o bebê até Iemanjá, que o adotou e com suas águas curou as feridas até que elas se tornassem apenas cicatrizes. Quando mais velho, Omolu passou a ser conhecido como senhor das doenças, o responsável por todas elas, mas também por todas as curas, tendo inclusive perdoando sua mãe e curando seu medo da peste. (Prandi,2001,p.202).

Esse conto narra o nascimento do meu orixá, que além de Omolu também é chamado de Obaluaê. Quando cheguei em meu terreiro, uma das primeiras coisas que fiz foi confirmar qual orixá era o regente da minha vida, através de um jogo de búzios[10] realizado pelo dirigente de minha casa. Era Omolu. Desde então, fica difícil saber em qual momento ele não está presente na minha vida. Omolu é o ar que eu respiro. Confesso, que nem sempre fui digno das coisas boas que ele apresentou em minha vida, já falhei como filho em muitos momentos, mas tenho a certeza de que nada em minha vida é possível sem Omolu. Por isso, escolhi Olubajé como a primeira palavra que compõe o nome do meu livro. No candomblé, o Olubajé é a festa de Omolu em que oferendas, cantigas e danças são oferecidas ao senhor das doenças.

Já Odé, é um dos nomes atribuídos a Oxóssi, o caçador dos orixás, conhecido por trazer fartura e alimento. Oxóssi é o orixá regente do terreiro que me criei, sendo o orixá que todos na casa louvamos, independentemente de quem é o orixá que rege nossa cabeça. Sem Odé, eu não conheceria nada sobre a vida no terreiro, já que somente pude integrar a casa, quando Oxóssi autorizou.

---

[9] Itans, são histórias que narram os feitos dos orixás. Em algumas vertentes são tidos como fatos históricos, já que acredita-se que um dia os orixás viveram a terra.(Lopes,2014)

[10] O jogo de Búzio é uma forma de Oráculo, em que um sacerdote capacitado utiliza um tabuleiro com dezesseis búzios para contatar os orixás e os demais espíritos para saber da vida espiritual de quem está se consultando, bem como aconselhar sobre outros aspectos da vida.

Nesse sentido, a escolha do Olubajé de Odé é um meio de pedir licença a eles que permitem a minha vida enquanto um filho de Umbanda. Sem pedir a eles, sem louvar a eles nada é possível, nem mesmo escrever este livro será possível.Minha vida até aqui é regida por esses dois e, singelamente, homenageá-los no título do meu projeto é um jeito de reconhecer que nada é possível sem eles, de reconhecer que sou pequeno diante do mundo material e espiritual, mas que Omolu e Oxóssi são minha bússola junto de Oxum e todas as entidades que me circundam.Trata-se, portanto, de pedir licença, pois deve-se ter autorização para abordar o mundo da ancestralidade e da religiosidade de matriz africana. Por isso, concluo dizendo as palavras que são utilizadas para saudar Omolu e Oxóssi, respectivamente: Atotô!Obaluaê!Okê Arô, Okê Oxóssi![11]

4.2 Os capítulos

Este projeto possui seis capítulos elaborados para funcionar de maneira isolada em termos temáticos e de personagens que compõem as reportagens. Porém, os capítulos possuem explicações que no conjunto da obra se somam dando um panorama de algumas questões da vida no terreiro. Dessa forma a leitura englobada de todos os capítulos suprime a repetição de algumas notas explicativas, bem como permite o entendimento de questões que estão relacionadas como, por exemplo, a compreensão sobre quem são os guias, que acontece no capítulo 2, e sobre a incorporação destes espíritos, que aparece no quarto. Os capítulos são os seguintes

1) **O meu Olubajé**

Este capítulo introdutório tem como objetivo aproximar o leitor e o autor, além de ter a função de contextualizar o cenário religioso que será abordado. Ademais, busca apresentar informações sobre a presença dessa religião na cidade de Juiz de Fora, local onde estão localizados todos os terreiros visitados e onde os entrevistados estão inseridos.

Para essa contextualização foi utilizado como fonte principal o livro *Canjerê, Umbanda e Candomblé em Juiz de Fora* , de Maria da Graça Floriano, que faz um apanhado histórico da religião na cidade. Isso somado a outros dados e informações que permitem atingir o objetivo

[11] Em sentido literal, “Atotô” significa Silêncio. Omolu é conhecido por ser um orixá idoso e que não se comunica verbalmente, por isso pede-se silêncio em respeito a ele. Já Okê Arô, significa “Salve o Grande Caçador” ,referenciando a Oxóssi ser o rei das matas e da caça.

contextual do capítulo. Além disso, por se tratar de uma iniciativa de jornalismo subjetivo, foram apresentadas algumas histórias sobre o autor para evidenciar a conexão com o tema bem como complementar os motivos que levaram a construção deste produto jornalístico, além de situar os próximos capítulos que virão.

2) Misturas nascidas da chibata

A Umbanda surge como uma religiosidade tipicamente brasileira, mas que sincretiza elementos da religiosidade iorubá, do catolicismo, do espiritismo e das espiritualidades indígenas, como evidenciado na Fundamentação deste projeto. Nesse sentido, por se tratar de uma religião que mistura diversos significados, a proposta deste capítulo é elucidar essas diferenças através do relato de Michelle Castro, dirigente do terreiro Casas de Caridade Vovó Cambinda e do Ilê Asé Ifá Orire Alajê, localizado no bairro Nossa Senhora Aparecida em Juiz de Fora.

Dessa forma, ela definiu quem são os espíritos e divindades que integram o culto da Umbanda, bem como compartilhou as suas percepções acerca dos sincretismos religiosos que orientam o culto umbandista. Procurando englobar os elementos que compõem a Umbanda, o capítulo foi conduzido de forma de que Michelle traga explicações sobre o papel de cada ser divino que compõe a Umbanda, no caso: os orixás, guias e santos católicos. Assim, esperamos que o capítulo permita entender o que é cultuado na religião, bem como algumas diferenças de culto entre a Umbanda, o Candomblé e o Catolicismo, que de alguma forma também perpassam a vida da entrevistada.

3) O diabo atrás da cortina

Em entrevista ao portal UOL, o babalorixá Marcello D'Ògún Oníre, definiu os Exús de Umbanda como: “espíritos que em vidas passadas tiveram experiências à margem da sociedade e hoje buscam evolução ajudando os outros” (Não,2025). Nesse processo de evolução espiritual, eles incorporam em seus médiuns e trabalham dando conselhos aos consulentes.

Por terem vivido à margem, foram pessoas que se entregaram a diversos vícios, como as bebidas e o cigarro e alguns à prostiuição. Quando estão incorporados, ainda trazem traços de suas vidas terrenas como o gosto pela bebida e o cigarro e, por vezes, um vocabulário mais chulo e direto.

Nesse sentido, este capítulo buscou se aprofundar sobre quem é Exú, sua diferenciação entre as demais entidades e sua diferença em relação ao orixá Exú (também chamado de Exú de Candomblé), isso através da descrição do entrevistado acerca de sua relação com a entidade.Para realizar este capítulo conversamos com William Venceslau, dirigente do terreiro Egbé Bàbá Ajagounnon Ati Oyá, localizado no bairro Santos Anjos. Além de abordar sobre a entidade e vida religiosa do entrevistado, também se falou sobre a associação da entidade com o diabo cristão

4) Renascer a cada gira

A incorporação e a mediunidade são dois aspectos centrais na vida dentro do terreiro e muito da ritualística está associada a esse contato entre os filhos e as entidades. Nesse sentido, o capítulo buscou apresentar o processo que envolve a incorporação e também a descoberta da mediunidade, incluindo nessa pauta os processos, as responsabilidades e as preparações necessárias para a realização desses trabalhos.

A partir dos relatos de Alessandra Leal, dirigente do terreiro Senzala do Pai João de Angola e Vovó Maria Conga localizado no bairro Cerâmica, forma inclusas observações e diferenciações sobre os tipos de mediunidade e incorporação,uma vez que são manifestações que podem ter variações dentro da vida religiosa. Além disso, os papeis de outras pessoas do terreiro, que não necessariamente incorporam os guias espirituais, também foram incluídos para oferecer um panorama mais amplo sobre as pessoas que formam um terreiro.

5) Cantando para não morrer

Dentro do terreiro, as canções e os atabaques possuem uma função essencial no ritual, que é a convocação dos espíritos para a sessão ou obrigação. Além disso, as cantigas possuem um papel de comunicação entre o espírito e os filhos do terreiro, pois contam parte de suas histórias, características e passagens. Nesse sentido, o capítulo abordou o papel dessas cantigas na vida dos filhos bem como o papel do Ogã.

O capítulo se debruçou sobre o sentido das cantigas e seu uso enquanto ferramenta de conexão com os orixás e entidades e também como meio de louvor aos seres espirituais cultuados na Umbanda. Esse capítulo teve como entrevistado o Ogã Arthur Luiz, pertencente ao terreiro Caminho da Fé localizado no bairro São Benedito , um membro cuja principal

atribuição é tocar o atabaque e puxar as cantigas, mas que também possui também outras funções que foram abordadas ao longo do capítulo.

6) Exú é Pop

Apesar das diversas questões sobre o preconceito, a presença da Umbanda - e do Candomblé também - se expande para além dos terreiros, como na cultura do Samba, do Carnaval e até nas tradições de Ano Novo. A religião vive um momento de popularização, algo evidenciado pelos números do Censo Demográfico de 2022 (IBGE,2025) , que evidenciou um aumento de 0,7 % de adeptos no Brasil. Além disso, reportagens divulgadas no UOL (Eiras,2019) e no Globo (Leal;Dias,2023), indicam que o interesse pela religião cresce entre os jovens e também nas buscas do Google.

Desse modo, o capítulo buscou apontar, na visão de Dandara Felícia, candomblecista e militante política, sobre como essa expansão da religiosidade para os outros espaços de cultura e convivência está impactando a vida dos religiosos de matriz-africana Além de pontuar como esse crescimento para fora do terreiro atua na representação das religiões afro-brasileiras nos espaços públicos e na política. Este capítulo, diferentemente dos demais, busca olhar fora do terreiro.

4.3 O projeto gráfico

A arte e a identidade visual do livro-reportagem foram realizadas pela artista visual e designer , com base em uma proposta previamente apresentada pelo autor. A principal orientação em relação à elaboração da arte foi valorizar os orixás que são mencionados no título do livro. Como evidenciado no item 4.1, o nome deste produto teve como base uma relação muito profunda entre os orixás Omolu e Oxóssi e o autor deste projeto, portanto valorizá-los na capa foi importante até mesmo para fazer jus ao título escolhido.

Esse objetivo também se mostrou nas escolhas de cor, uma vez que, como forma de identificar melhor as divindades em questão, buscou-se trazer cores que remetem a elas. O orixá Omolu é caracterizado por utilizar um manto composto por palhas da costa, e, por isso, a cor de palha (#E4C394), foi utilizada em boa parte da composição. A mesma lógica foi utilizada com Oxóssi, que é o senhor das matas e patrono da casa, e, portanto, o verde

(#2B3315) foi aplicado na representação do orixá, e mais extensivamente na contracapa do produto. Tons derivados também foram aplicados para compor o gradiente de cor da imagem.

FIGURA 1 - CAPA



Fonte: Gabriela Giacomini Castilho

Para complementar, foram utilizados elementos que remetem a cada uma das divindades representadas, algo característico da arte iorubá. Segundo Rowland Abiodun (2014), a estética dos povos iorubás faz uso de símbolos espirituais, uma vez que a arte também possuía uma função social e religiosa. Portanto, elementos como os búzios, uma ferramenta utilizada no Culto de Ifá, bem como os instrumentos dos orixás, uma vez que cada uma das divindades possui objetos que remetem a seus poderes, são utilizados nas artes iorubás. Tendo esses princípios em mente, podemos observar a presença dos búzios e do Xaxará[12], a ferramenta de Omolu está presente em sua representação na capa do livro. A mesma lógica justifica a utilização da flecha, uma das ferramentas de Oxóssi, em sua ilustração.

Além disso, Biller (2009) menciona que a precisão geométrica e contidas nos traços também eram marcas da arte do povo iorubá. Tendo apresentado o interesse de trazer elementos dessa arte à artista propôs utilizar desse aspecto na tipografia do título. Portanto, a fonte Backout foi utilizada, por conter esses traços geométricos evidentes que trouxesse a lembrança da estética iorubá.

[12] Uma espécie de vassoura feita de palha e rodeada de búzios e miçangas

Além da representação dos orixás e suas respectivas ferramentas, foram utilizados elementos que remetessem à natureza, como folhas e pássaros. Isso se deve, ao fato de Oxóssi, o orixá da caça, possuir uma íntima associação com as florestas e matas. Além disso, esses elementos foram construídos com uma textura que desse um pouco de profundidade a imagem, como maneira de inserir melhor os orixás em destaque, isso foi feito por sugestão da artista, como forma de complementar a composição.

Após a confecção da capa e a conclusão do trabalho, a organização do livro em formato de ebook foi feita por Jorge Abdo, como forma de facilitar a leitura e também deixar o produto em um formato que facilite sua publicação em meios digitais.Cabe salientar, que o livro-reportagem em questão, só será veiculado publicamente após o escrutínio deste trabalho por parte da banca examinadora

.

5. Relato de experiência

Mergulhar em um mundo conhecido pode até parecer uma tarefa simples, porém definitivamente não foi. Pesou a responsabilidade de levar em uma linguagem acessível aos não adeptos da Umbanda as ritualísticas da religião, sem, contudo, produzir um texto raso aquém da complexidade e da densidade da crença. Espero ter conseguido!

Foram cerca de cinco meses de planejamento e elaboração do projeto e mais seis de realização das entrevistas, confecção dos textos e revisão. Mesmo assim, posso dizer que o tempo foi curto. Todas as entrevistas foram realizadas de forma presencial e com captação do áudio para registro e consulta posterior. Juntos, os seis entrevistados, somam seis horas e três minutos de gravação bruta que, com mais alguns complementos colhidos de forma online, se tornaram 131 páginas de livro reportagem. Para facilitar a explicação do processo de realização deste trabalho, vamos dividir este relato em cinco momentos que vão desde a escolha dos temas até o processo de escrita do livro-reportagem.

5.1 Escolha de temas e capítulos

A Umbanda possui uma ampla variedade de rituais e elementos sagrados que orientam seu culto. Ainda que esses elementos sejam difusos e passíveis de diferentes interpretações a depender do terreiro, a diversidade ritualística é tão extensa que explicá-la integralmente demandaria muitos outros livros. Assim, a delimitação dos temas abordados neste livro levou em consideração três aspectos principais: a recorrência noticiosa de temas relacionados às

religiões afro-brasileiras, minhas percepções enquanto autor e praticante da religião e a contribuição dos temas para o esclarecimento e a didática proposta neste projeto.

Alguns capítulos foram definidos com maior facilidade devido à recorrência na mídia, como os capítulos dois e três. O segundo capítulo foi escolhido pela necessidade de diferenciar as categorias divinas presentes no culto umbandista, no caso guias, orixás e santos católicos que, para não iniciados, podem parecer indistintas. A análise noticiosa revelou que reportagens sobre datas dedicadas aos orixás frequentemente mencionam também os santos católicos sincretizados, o que reforçou a importância de esclarecer essas distinções e os significados dessas misturas sagradas.

Nesse contexto, destaca-se a reportagem veiculada pela CNN Brasil em 2024, intitulada "Dia de Iemanjá: por que é celebrado em 2 de fevereiro e quais os rituais", que menciona o sincretismo ao associar Iemanjá a Nossa Senhora dos Navegantes, segundo o calendário católico:

> No dia 2 de fevereiro, por exemplo, segundo o calendário católico, é celebrado o dia de Nossa Senhora dos Navegantes, que passou a ser associado ao culto a Iemanjá, principalmente no Nordeste brasileiro (Carvalho,2022)

Partindo para o capítulo três, dedicado à entidade Exú, foi motivado pelo fato de essa figura ser frequentemente alvo de intolerância religiosa. As entidades possuem representações, que por si só já são estigmatizadas, uma vez que são espíritos de pessoas que um dia foram criminosos, trapaceiros e prostitutas. Isso tudo somado a seu uso de símbolos como tridentes e caveiras, frequentemente interpretados de forma equivocada, faz com que eles sejam um dos alvos mais comuns do preconceito religioso.

A observação da cobertura jornalística comprovou uma recorrência de reportagens que abordam essa associação equivocada de Exú com o diabo cristão como a reportagem do Portal G1, de 2022, que aborda o tema no contexto do samba-enredo da escola de samba Grande Rio (Exú, 2022), conforme apresentado na Figura 2.

FIGURA 2: Manchete do portal G1



Fonte: G1 Rio de Janeiro - https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/24/exu-nao-e-diabo-saiba-quem-e-orixa-mensageiro-do-enredo-da-grande-rio.ghtml.

O capítulo seis também se fundamenta em recorrências noticiosas, mas também possui minhas percepções pessoais, ao abordar a popularização da cultura do terreiro para além dos espaços religiosos. A vivência prolongada nesse contexto permitiu observar que elementos antes restritos aos terreiros passaram a circular em outros ambientes. Essa percepção foi reforçada por reportagens de Eiras (2019), no portal UOL, e de Leal e Dias (2023) no Globo, que apresentam um panorama dessa expansão.

Esse fenômeno gera implicações políticas e sociais para os povos de terreiro, especialmente diante da persistência da perseguição e da baixa representatividade conforme abordamos na Justificativa deste projeto. A escolha da entrevistada do capítulo seis, Dandara Felícia, contribuiu para abordar tanto a popularização quanto suas consequências e perspectivas para a representatividade dos povos de terreiro.

Os capítulos quatro e cinco refletem, de forma mais direta, minhas percepções enquanto adepto da Umbanda. A mediunidade do terreiro é amplamente reconhecida, mas nem sempre compreendida em seus fundamentos. Esse tema é frequentemente retratado de forma caricata pela cultura pop e de maneira diferente da Umbanda em outras religiosidades espíritas. É algo cuja práxis, em minha visão e em meu tempo de umbandista, nem sempre é descrita ou compreendida, o que me motivou a tratar desse assunto.

Já o quinto capítulo aborda o uso da música, elemento presente no senso comum sobre as religiões de matriz africana. A ideia do tambor, do batuque é algo que percebi que habita o imaginário popular, além de ser uma ferramenta ritual importante no próprio contexto religioso. Além disso, a Umbanda e o Candomblé recorrentemente são temas de composições musicais, ao exemplo dos sambas-enredo dos carnavais brasileiros, conforme a Figura 4.

Por fim, o primeiro capítulo cumpre a função de contextualizar o projeto e valorizar seu caráter subjetivo. Ele introduz o tema e a religião abordada - marcada pelo sincretismo - e oferece uma localização histórica e espacial da tradição da Umbanda em Juiz de Fora, cidade onde residem todos os entrevistados e onde se situam seus locais de prática religiosa. Dessa forma, busca-se situar o leitor e aproximá-lo da narrativa proposta.

5.2 A escolha das fontes

Quando delimitei os capítulos do livro comecei a me debruçar sobre quem seriam os entrevistados. Foi uma tarefa relativamente simples, porém tive um especial cuidado em dois sentidos: localizar personagens que pudessem explicar os temas com clareza e pessoas que apresentassem seriedade no trato da religião.

O primeiro critério acredito que seja o mais tranquilo, uma vez que é natural buscar pessoas que compreendam bem os temas para falar deles, no entanto, a proposta didática deste livro acabou delimitando a maioria das escolhas aos chefes de terreiro. Uma vez que dentro da hierarquia da Umbanda são os detentores dos maiores saberes dentro daquela situação religiosa. Não foi algo que planejei, estava aberto a entrevistar outros adeptos que não eram necessariamente os dirigentes, como aconteceu com Dandara Felícia e Arthur Luiz, que não são chefes de terreiro.

A escolha de Arthur foi por conta da particularidade de seu cargo. O ogã é o responsável por tocar o atabaque e essa condução musical não é algo que os dirigentes realizam por terem outras atribuições. Já Dandara possui mais de um década de inserção na religião, bem como uma atuação política renomada em Juiz de Fora, e por isso a escolha dos dois foi feita, já que ambos expressaram tranquilidade para abordar os temas.

Falando agora do outro critério, o da seriedade, para mim foi o mais importante. Todo ambiente religioso está suscetível a deturpações e charlatanismo, sempre existem pessoas que agem de má fé e isso é algo que acredito que exista em todas as religiões. Portanto, tive muitas preocupações em encontrar pessoas que tivessem seriedade. Por isso, uma das minhas principais estratégias na definição das fontes foi consultar conhecidos e pessoas que sei que levam a religião a sério e pedir suas indicações. Quase todas foram levadas em consideração, não apenas pelo meu respeito com quem os indicou, mas porque o que eu procurava se confirmava à medida que eu fazia os primeiros contatos com as fontes.

Um exemplo interessante é o de Alessandra Leal, entrevistada do capítulo quatro. Ela é a dirigente da Senzala do Pai João de Angola, um terreiro que era frequentado por Lanna

Duque, uma grande amiga que fiz na Faculdade de Comunicação da UFJF e que me falou que era um lugar de muito respeito com a religião. Apesar de minha plena confiança na em minha amiga, fui conversar com minha entrevistada em potencial e seu interesse foi tão genuíno que ela fez questão de antes de combinarmos a entrevista me encontrar pessoalmente para discutirmos o projeto. Foi quase uma pré-entrevista em que a medida que fui expondo minhas percepções sobre a religião, Alessandra demonstrou não só compreender o que eu gostaria de abordar como demonstrou a seriedade que eu estava procurando

Essa conversa prévia com os demais entrevistados foi feita de forma online - por opção deles próprios devido a suas rotinas, mas que seguiu essa lógica de primeiro fazer o entrevistado compreender o que eu estava procurando, bem como observar a forma que ele enxergava a religião. As únicas personagens que fugiram dessas indicações foram Michelle Castro, do capítulo dois, e Dandara Felícia, do capítulo seis. Que foram selecionadas, a primeira por ser uma religiosa que eu havia ouvido boas referências de pessoas que foram em seu terreiro e a segunda por seu renome na luta política. Nesse processo de "pré-entrevista" de apresentar o projeto e de entender a visão delas sobre a religião eu constatei o que eu procurava, a tranquilidade para falar do tema e o respeito com a religiosidade.

William e Arthur, personagens dos capítulos três e cinco respectivamente, seguiram esse mesmo caminho, também me foram indicados por pessoas queridas que vivem a Umbanda, mas que durante os primeiros contatos mostraram o que eu procurava de meus entrevistados.

5.3 Pauta e preparação

Após ter os temas definidos e os entrevistados selecionados, o primeiro passo foi a elaboração de pautas que orientasse cada entrevista, que podem ser consultadas nos Apêndices deste trabalho Elas são fundamentais na condução do trabalho jornalístico.

Por isso, após ter definido quais seriam os capítulos, me dediquei a destrinchar esses temas em perguntas e uma breve explicação para clarear o que seria falado e também limitar as expectativas de meus entrevistados. O principal desafio, inicialmente, foi como elaborar essas perguntas, sem soar leviano ou aleatório no momento em que eles batessem os olhos no documento, por isso trabalhei com uma progressão nas perguntas.

As primeiras três ou quatro perguntas sempre eram sobre a vida pessoal dos entrevistados, buscando conhecer mais sobre quem eles eram, quais eram suas profissões, o lugar onde moram dentre outras cotidianidades que fizessem jus a pretensão de ser um perfil. No entanto, a reportagem-perfil também possui direcionamentos, portanto, após uma

apresentação prévia, começava a se introduzir o assunto da religião, começando por como eles a conheceram e o porque gostavam. Essa organização foi pensada para estabelecer o contexto que iríamos conversar, de situar a vida deles dentro do terreiro para que depois eles oferecessem suas visões acerca dos temas. Cabe salientar que devido a natureza autoral e subjetiva do primeiro capítulo, para ele não foi confeccionada uma pauta, apenas foi consultada a descrição de seu conteúdo vide o item 4.2 deste projeto.

Além de direcionar os entrevistados, a pauta também serviu como um guia, para que eu evitasse desvios de tema uma vez que alguns deles se cruzam. Um exemplo são os capítulos 2 (Apêndice A) e 3 (Apêndice B) do livro, onde o primeiro aborda a definição sobre as entidades de modo geral,e o segundo um grupo específico dessas entidades. Nesse sentido, a pauta foi uma orientação necessária para não sobrepor as ideias dos capítulos.

Durante a elaboração das pautas, possuir algum conhecimento sobre o universo religioso que eu estava abordando ajudou a saber o que perguntar, para além das questões mais óbvias como : " Quem são essas entidades? O que diferencia elas?". Esse conhecimento ajudou a construir perguntas mais complexas, mas que fizessem sentido para os entrevistados e facilitasse seus entendimentos. Isso pode ser observado na décima segunda pergunta da pauta do capítulo 2 (Apêndice A): "A preservação do culto a todas essas qualidades de espíritos e divindades vem através da ancestralidade. Pra você, o que é essa ancestralidade ? Qual a importância dessa ancestralidade? "

No entanto, reconheço que meu conhecimento está muito longe do que eu gostaria e por isso muitas notícias e referências bibliográficas - que estão citadas neste projeto e no próprio livro-reportagem - também auxiliaram na confecção das pautas. A pauta 4, por exemplo, (Apêndice C) teve como um dos materiais utilizados para elaborar as perguntas o livro de Alexandre Cumino, *Médium: incorporação não é possessão*.

Por fim, cabe mencionar que na primeira entrevista que realizei, com a médium Alessandra Leal, optei por não apresentar as perguntas, apenas uma pauta com direcionamentos - deixando as perguntas apenas no documento que eu consultei durante a entrevista Esse não conhecimento das perguntas pela entrevistada, não dificultou a entrevista mas também fez com que detalhes que o repórter pode deixar escapar não fossem coletados durante a entrevista, mas sim posteriormente. Tendo em mente que as entrevistas seriam sobre temas que os entrevistados estão familiarizados, além do prazo relativamente curto de confecção do projeto, dali em diante passei a apresentar as perguntas para os entrevistados como forma de direcioná-los mais claramente e assegurar os detalhes para a construção do livro. A

necessidade de complementos não desapareceu, mas foi reduzida já que menos coisas ficaram de fora do trabalho de entrevista.

5.4 As entrevistas

Quando concluí todas as entrevistas, no começo de novembro de 2025, notei que entrevistei pessoas que possuem perfis muito diferentes, mas com histórias relativamente semelhantes em relação ao tema da religiosidade. Todos conheceram a religião através de seus familiares e com o passar do tempo se identificaram com ela, e eventualmente ingressaram na religião. Apesar de parecidos eram pessoas muito diferentes entre si, em termos de personalidade

A primeira entrevistada, como já mencionei, foi Alessandra Leal.Ela foi muito receptiva com meu projeto e o abraçou desde o primeiro contato. Apesar disso, a comunicação com ela e a articulação do dia da entrevista foi relativamente difícil, devido a uma demora nas respostas e também uma rotina acelerada que minha fonte possui. Foi a entrevista que mais demorou para ser marcada, cerca de duas semanas até que tudo estivesse articulado. O encontro aconteceu no dia 2 de setembro de 2025, no terreiro Senzala do Pai João de Angola e, antes de entrevistar a dirigente, participei da sessão como um espectador. Foi algo que infelizmente não pude fazer com todos os entrevistados. Porém no capítulo de Alessandra foi importante para descrever um pouco de como era o lugar e assim poder contextualizar o local em que as incorporações acontecem, já que esse era o tema do capítulo.

Acompanhei a sessão, que em muito se assemelhava aos rituais que acontecem em meu terreiro, até as cantigas. No entanto, o que mais me marcou nesse episódio foi o momento que a entidade de Alessandra me chamou para me cumprimentar. Descrever a sensação de ser abraçado por um Preto-Velho é difícil, é como abraçar um amigo que você confia depois de um dia difícil, a vontade que vem é de chorar tudo que estava acontecendo em sua vida. Foi o ponto mais especial dessa entrevista, tanto que quis incluí-lo na conclusão do capítulo.

Quanto à entrevista em si, ela durou cerca de uma hora e quatorze minutos e o maior desafio foi dosar algumas perguntas que surgiram no processo. Alessandra possuía um domínio ímpar dos temas da religião e os explicou de maneira muito simples que cumpriu a proposta temática. No entanto, ela me apresentou um relato de vida que não poderia desconsiderar, mas ao mesmo tempo era visivelmente um tema delicado.

A história que narrei no capítulo sobre o abandono parental que ela sofreu era o tópico mais sensível da entrevista e não podia ser ignorado já que foi algo que marcou sua vida e que de certa forma teve influência no seu caminho espiritual. Considero que abordar essa questão foi

o maior desafio da entrevista, pois equilibrar entre o que era fundamental para a reportagem e o que era invasivo nem sempre é fácil, mas foi algo que acredito que enriqueceu o perfil dela.

O próximo entrevistado foi Arthur Luiz, que encontrei no dia 9 de Setembro de 2025, no Terreiro Caminho Fé, onde ele é Ogã. Meu entrevistado foi indicado por Mãe Tamires de Oxalá, a dirigente do local que precisei contactar antes para pedir sua autorização para ir ao terreiro conversar com o Arthur. Nesse processo de contato, Mãe Tamires me assegurou que Arthur saberia falar do que eu procurava e ele também reforçou isso após analisar a pauta. No entanto, foi a entrevista mais desafiadora devido a idade de Arthur, que possuía apenas 14 anos na ocasião.

Eu sabia da idade dele quanto o convidei para ser meu entrevistado, pensando que a possibilidade de narrar a história de alguém que muito jovem aceitou a missão espiritual seria algo interessante. No entanto, me deparei com um jovem mais tímido do que o que conversou comigo pelo Whatsapp, por isso precisei adaptar bastante para conseguir obter informações suficientes para construir o texto. Em relação ao tema da musicalidade do terreiro e dos pontos cantados não foi complicado, porém a parte da história de vida dele foi bastante desafiadora.

Por se tratar de uma pessoa muito jovem, que ainda está entendendo como o mundo funciona, foi difícil extrair um material denso como o de Alessandra. Minha saída foi utilizar perguntas que resgatassem o cotidiano de Arthur, o fazendo me contar sobre sua rotina, seus familiares, seus amigos para que conseguisse construir um retrato de como é a vida do jovem Ogã. O resultado disso foi um capítulo um pouco menor e com alguns trechos em que precisei me posicionar mais, já que havia coisas que Arthur afirmava, mas que não conseguia explicar o porquê. Um exemplo é o porque dele gostar de duas cantigas de terreiro específicas, mas não saber o motivo, minha alternativa foi incluir minha interpretação sobre a cantiga. A entrevista com minha fonte mais jovem durou cerca de uma hora e seis minutos e foi sem dúvida a mais desafiadora.

Após Arthur, articulei a entrevista com Dandara Felícia, que compôs o último capítulo do livro. A entrevista aconteceu no dia 30 de Setembro de 2025 e foi a mais curta, tendo durado cerca de cinquenta e quatro minutos, além de ter sido a única que não foi realizada em um terreiro, já que ela não era membro de nenhuma casa no momento da nossa entrevista. A entrevista em si não teve grandes empecilhos em seu processo, apenas um cuidado especial que tive de ter no trato da vida pessoal da entrevistada. Dandara é uma mulher trans e isso permeou sua história e sua escolha religiosa, o que fez, assim como a questão parental de Alessandra, um tema incontornável para se construir um perfil.

A maior dificuldade, e que refletiu no produto final, foi os receios de Dandara apresentar os nomes e os detalhes das pessoas que estiveram em sua vida. Percebi essa resistência durante a entrevista, e tentei contorná-la como pude ao pedir apenas os primeiros nomes, no entanto em alguns momentos não consegui as informações, o que se refletiu na ausência dos nomes de parentes que tiveram participação em sua iniciação espiritual, bem como o nome dos terreiros que frequentou e seus respectivos dirigentes.

Apesar disso, foi uma entrevistada que apresentava grande domínio sobre o tema, por viver a religião há muito tempo e também ser uma figura pública notória e com participação política ativa, o que lhe conferiu o conhecimento necessário para abordar tanto a questão religiosa, quanto a questão da política de terreiro, que estavam inclusas na proposta do capítulo. O trecho que mais me impactou foi a menção que Dandara fez sobre ser vítima de tráfico internacional Por se tratar de um tema tão profundo e traumático para a entrevistada, não foi algo que me aprofundei, apenas fiz a devida menção, uma vez que é um episódio que marcou a caminhada de Dandara e que tinha um pouco da religiosidade envolvida. Porém foi um momento complicado de ouvir e narrar devido a dimensão psicológica do episódio.

Uma semana depois de falar com Dandara, parti para entrevistar Michelle Castro no dia 7 de Outubro de 2025, em seu terreiro a Casa de Caridade Vovó Cambinda e Ilê Asé Ifá Orire Alajê. Nossa conversa durou cerca de uma hora e quatorze minutos e foi a que mais senti tranquilidade. De todos os entrevistados, Michelle foi a que mais se apropriou da pauta que foi compartilhada, tendo uma resposta precisa para cada pergunta. Ela inclusive estava com o documento impresso e com anotações suas em mãos .

Mostrou também dominar o tema e até se preocupou em traduzir alguns termos que eu particularmente não dominava o significado, palavras que são utilizadas no Candomblé como Kelê, por exemplo, que se refere a uma espécie de gargantilha que os iniciados utilizam durante o processo de iniciação, para simbolizar a servidão ao orixá. A dificuldade que encontrei nessa entrevista teve origem em uma visão muito particular de Michelle no tema do sincretismo religioso. Michelle acredita que isso é uma questão que deve ser totalmente superada e que já não contribui para a sua visão religiosa, mas ao mesmo tempo é algo que eu não podia me esquivar em abordar, já que está no cerne da religião e é algo ainda presente em muitas casas de Umbanda.Dentre todas as entrevistadas, foi a que mais senti firmeza e tranquilidade para falar dos temas, isso visto até em sua postura corporal tranquila e voz rouca e calma durante nosso diálogo.

A última entrevista aconteceu após um pequeno hiato após o encontro com Michelle, tempo em que me dediquei a elaborar os capítulos cujas entrevistas já estavam feitas. Por isso, a

conversa com William Venceslau se deu apenas em 13 de novembro de 2025, em seu terreiro o Egbé Babá Ajagunnon Ati Oyá. Foi a mais longa delas com cerca de uma hora e trinta e cinco minutos de duração. Mas a verdade é que fiquei cerca de três horas com William, o tema da religião sempre rende uma boa prosa e com ele foi a mais extensa que tive.

Depois de Alessandra, a com William foi a que mais demorou para ser marcada por conta de sua agenda de trabalho e alguns imprevistos que eu mesmo tive. No entanto, foi a que eu mais tinha expectativa, por se tratar de um tema que eu tinha particular paixão que são os Exús, com quem guardo uma proximidade muito grande.

Dentre os meus entrevistados, William é o que mais apresentava poesia enquanto falava, sempre utilizando frases muito carregadas de emoção quando falava sobre os Exús em sua vida. Como repórter e como umbandista, foi algo maravilhoso ter essas falas tão significativas, me gerou uma grande satisfação na hora de construir o texto. Além disso, William foi meu entrevistado mais extrovertido, conversar com ele foi muito simples, com poucas colocações minhas ele já falava por muito tempo. Isso é ótimo, porém em alguns momentos me vi obrigado a fazer algumas interrupções apenas para nos atermos ao tema.

Na fala expansiva de meu entrevistado também residiu a maior dificuldade que tive que foi a de organizar o processo. Creio que de todos, ele foi o que menos se ateve à pauta e tinha uma fala muito desconexa em termos cronológicos. William contava diversos causos um após o outro, com muitas digressões, o que me levou a solicitar algumas retomadas de assunto, tanto para coletar os detalhes de cada história quanto para organizar a entrevista e facilitar a escrita.

5.5 O processo de escrita

Transformar horas de entrevistas em um texto que além de informativo fosse sensível, foi a principal preocupação que permeou minha escrita, mas não foi a única. Antes de narrar os desafios, vou mencionar um pouco do método que escolhi para desenvolver essa escrita.

A primeira entrevista eu optei por transcrever as falas na íntegra em um documento separado para ter melhor visão dos termos utilizados pelas minhas fontes, porém percebi que isso não dispensava a necessidade de consultar os áudios originais, para ter melhor noção da entonação e das nuances daquilo que era dito. Portanto, a partir da segunda entrevista reduzi essas transcrições e passei a destacar as falas mais interessantes e o resto da narrativa ir construindo enquanto retomava os áudios. Isso me fez decorar vários trechos das histórias de

meus entrevistados, o que também facilitou sua organização textual, bem como otimizou o tempo de transcrição que antes era mais extenso.

Após ter os materiais em mão, me dediquei a pensar a melhor estrutura para narrar as histórias. Essa ordem variou de acordo com os relatos de cada entrevistado, bem como o objetivo do capítulo, mas em todos mantive a ideia de iniciar com um texto introdutório que além de situar o tema do capítulo, mencionaria quem era o entrevistado. Além disso, foi um momento do capítulo, em que mais me permiti utilizar a poesia. Com poesia, me refiro a utilizar mais dos sentimentos de meus entrevistados, bem como recursos estilísticos como metáforas e citação de itans e pontos cantados, dentre outros recursos de estilo que de alguma forma despertassem o interesse do leitor.

Para além desse texto introdutório, os próximos parágrafos de cada capítulo mudaram de acordo com cada entrevistado. Em alguns, como os capítulos dois e três, eu comecei direto na história da vida de cada um, por conseguir ver na própria narrativa conexões com as temáticas e assim introduzir as partes mais explicativas do texto. Já outros, devido a extensão de suas histórias, ou uma certa dificuldade de achar ganchos isolados, optei por começar com os trechos mais didáticos, para em seguida adentrar na história de cada um. Os critérios para cada estrutura escolhida foram definidos a partir do que cada entrevistado me exigia.

Durante o processo de escrita sempre procurei dosar os trechos mais sentimentais com as informações, para equilibrar as propostas. Portanto, nas partes das histórias de vida de cada um, me permiti ser mais subjetivo nas narrações como um meio de transmitir com o máximo de riqueza o que eles me diziam. Além disso, nos entremeios e nas conclusões de boa parte dos trechos mais informativos, também utilizei dessa narração como meio de aliviar a densidade dos assuntos, além de também trazer a beleza que cada um deles viam nos diferentes aspectos da religião.

Dentro dessa parte poética, também foram os momentos em que mais me permiti usar recursos de estilo, como metáforas e também trechos das cantigas de terreiro, que carregam muitas sensações devido a sua natureza musical. Todos os capítulos possuem algum ponto citado, justamente para trazer essa “poética do terreiro” para dentro dos textos.

Dosar a informação e a emoção esteve entre os principais desafios, por se tratarem de assuntos sensíveis tanto para as fontes quanto para mim, o que por certas vezes tornava complicado equilibrar a objetividade e o elemento subjetivo. Este trabalho é uma narração de um mundo religioso que amo profundamente, então em muitas vezes tive de conter o desejo de contar algo sobre mim, já que por mais subjetivos que seja, ainda é a história de meus entrevistados, com um leve toque deste autor que vos fala.

Para além de dosar meus próprios sentimentos, outro desafio significativo foi transcrever a mística religiosa para o texto jornalístico. Falar de espiritualidade implica em abordar elementos extremamente abstratos e pautados em fé, por isso traduzir isso de maneira que seja compreensível para pessoas não adeptas da religião afro-brasileira foi uma tarefa árdua. Dentre os seis capítulos, o mais complexo nesse sentido foi o capítulo dois, cujo objetivo era elucidar as diferenças entre os orixás, guias e os santos católicos. No entanto, abordar isso, exigiu não apenas tentar explicar a hierarquia celestial em texto, mas também explicitar diferenças entre diferentes cultos. Explicar a visão umbandista sobre os orixás, por exemplo, foi uma tarefa complexa, já que ela envolve questões sobre energias e outros aspectos tão esotéricos, que tornou o capítulo mais complicado.

Ainda no capítulo dois, me deparei com um outro problema, o de explicar temas que meus entrevistados tinham divergências de culto. Michelle Castro, a personagem do capítulo em questão, é adepta da Umbanda de muitos anos, porém diverge do sincretismo religioso que é uma característica presente em muitas umbandas. É claro que por ser uma religião sem dogma definido, é perfeitamente possível cultuar ao modo de minha entrevistada, porém o sincretismo católico é algo presente na raiz da religião - vide a Fundamentação Teórica deste projeto - e por isso não havia como eu me desviar desse assunto. Portanto, recorri a bibliografias e outras fontes para oferecer essa explicação ao leitor, isso sem ignorar o ponto de vista de Michelle, mas apresentando algo que ela em si não acredita, mas que é integrante da religião.

Em todos os capítulos me deparei com a necessidade de buscar referências bibliográficas sobre os temas. De início, isso se deu por desejar enriquecer o texto, mas no decorrer do trabalho se tornou uma forma de oferecer elucidações que escaparam das falas de meus entrevistados sem precisar recorrer a minha subjetividade. Em alguns momentos de fato recorri a minhas impressões, por entender que é algo que também é válido devido a natureza do projeto, porém compreendi que havia necessidade de utilizar outros pontos de vista, dado que se trata de um projeto jornalístico.

O capítulo dois foi o mais desafiador, os demais tampouco foram simples, mas através da interlocução com minha orientadora, bem como revisões cautelosas me permitiram desviar das dificuldades. O capítulo três, por exemplo, o principal foi chegar a organização do texto, uma vez que meu entrevistado possuía uma fala muito difusa em termos cronológicos, já o quarto capítulo, por ter sido o primeiro a ser escrito, foi o mais complicado para se chegar a uma estrutura agradável de texto.

Já no quinto capítulo, a dificuldade residiu também na timidez de meu entrevistado, o que me fez durante a escrita, recorrer a ele novamente - de forma online - algumas vezes para complementar as informações, além de utilizar da subjetividade para interpretar aquilo que ele sentia mas tinha dificuldade em exprimir. Por fim, o último capítulo o maior obstáculo era o vasto currículo e vivência de minha entrevistada, que graças a sua ostensiva atuação política e religiosa, foi complicado selecionar o que inserir e o que recortar, e a saída foi direcionar ao máximo para o tema da religião.

Poderia mencionar outros, que acredito serem naturais de qualquer trabalho jornalístico de médio ou grande porte como o cansaço após tanto abordar um tema específico, bem como conseguir em horas de material bruto encontrar uma narrativa que capture o essencial para a temática e também para procurar dar voz - dentro dos limites do trabalho jornalístico - ao outro. Creio que nesses casos, três coisas foram essenciais: a interlocução com a professora Letícia Torres, o desejo de fazer este projeto acontecer e, para fazer jus ao tema do livro-reportagem, a fé em tudo aquilo que eu estava narrando.

6. Considerações Finais

Quando penso em meu trajeto até aqui, minha estrada desde meu ingresso na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no ano de 2021, creio que esse seja o trabalho da minha vida. Não apenas pelo seu porte, mas por tudo que eu e minha orientadora empenhamos para fazé-lo acontecer. Desde que tive contato com o Jornalismo Literário, entendi que era o que eu mais desejava dentro da profissão que escolhi, por ser aqui que me permitia ao mesmo tempo contar histórias e contar de mim, mesmo que seja através do outro.

Quando escolhi falar sobre Umbanda, algo que me é tão caro, percebi que não seria algo simples, tanto por se tratar de um universo religioso tão amplo quanto por ser um tema que possuo certa familiaridade, o que poderia de alguma forma viciar meu olhar e acreditar que tudo estava muito claro. Apesar disso, quando decidi que seria esse o trabalho, cuidei de ter isso sempre em mente enquanto escrevia, e segui uma vez que notei que esse trabalho representaria não só exercer o jornalismo que mais me identifico, mas seria uma forma de contribuir e falar sobre algo que eu amo

Nesse sentido, destaco a fundamental interlocução entre aluno e orientador como algo essencial para o sucesso de um trabalho. Ter esse diálogo e acolhimento se tornou o pilar fundamental deste trabalho, uma vez que torna possível enxergar aquilo que se oculta ao olhar do autor, bem como uma forma de encontrar força para perseverar.

Além disso, este trabalho foi, de certa forma, um exercício contraditório de desprendimento e ao mesmo tempo apego às próprias percepções. Desprendimento, pois em diversos momentos das entrevistas me vi diante de relatos que por mais que estivessem dentro de um mesmo campo religioso, eram diferentes da tradição que eu exerço há quase dez anos. Por isso, abaixar um pouco das minhas percepções para narrar o outro, foi um exercício ímpar, ainda mais pensando no tema que escolhi.

Ao mesmo tempo, em diversos momentos precisei me apegar à minha visão, não como forma de sobrepor os irmãos que se propuseram a falar comigo, mas como um meio de fazer jus às suas histórias e utilizar todos os sentimentos que invadem o meu coração para narrar de maneira sensível aquilo que me era contado. Esse exercício é algo que acredito ser algo essencial para a práxis do jornalismo uma vez que permite compreender nossos limites enquanto narradores, e ao mesmo tempo valorizar a maior aproximação entre repórter e fonte.

Quis fazer deste trabalho algo que me orgulhasse de ter produzido, como algo que eu pudesse olhar e dizer que conclui e também que de alguma forma contribuiu - mesmo que fosse um gota no mar - para mostrar aquilo que realmente acontece dentro dos terreiros e como para nós que frequentamos é lindo. Creio que só o tempo dirá sobre este resultado, mas que concluí-lo como um encerramento de meu ciclo na Universidade sinto que é fazer jus ao cinco anos de dedicação ao estudo do jornalismo, bem como homenagear as pessoas que passam pelo meu caminho. Falar de Umbanda é falar de coletividade, e por isso espero ter feito jus tanto a minha fé, quanto a todos que compõem o “terreiro” da minha vida!

7. Referências Bibliográficas

ABIODUN, Rowland. **Yoruba Art and Language**. Cambridge University Press, 2014.

ALVES, Maria Rosa Almeida; MARQUES, Juracy. **Africanidade e Identidade Yorubá nos terreiros do sertão: a força da tradição oral**. Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco, *[S. l.]*, v. 6, n. 10, 2016. Disponível em: https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/53. Acesso em: 29 jul. 2025.

BLIER, Suzanne Preston. **African Vodun**. University of Chicago Press, 1995.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos: Disque 100**. Brasília: MDHC, [2024]. Recurso online. Disponível em:https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/painel-de-dados/2024 . Acesso em: 29 jul. 2025.

CARVALHO, Bárbara. **Dia de Iemanjá: por que é celebrado em 2 de fevereiro e quais os rituais**. CNN Brasil, São Paulo, 02 fev. 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/dia-de-iemanja-por-que-e-celebrado-em-2-de-fevereiro-e-quais-os-rituais/

COSTA, Hulda Silva Cedro de. **Umbanda, uma religião sincrética e brasileira**.2013.Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Escola de Formação de Professores e Humanidades. Pontifícia Universidade Católica de Goiás,Goiás,2013

CHAVES, A. P. D.; NOCELLI, G. L**. Jornalismo de subjetividade: a aproximação e o distanciamento com o Outro**. Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202308365964dcb4db3995c.pdf. Acesso em: 23 jul. 2025

EIRAS, Natália**.Likes ou fé: o que está levando jovens para o candomblé e umbanda?**.Universa UOL,[S. l.], 05 abr 2019..Disponível em: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/05/likes-ou-fe-o-que-esta-levando-jovens-para-o-candomble-e-umbanda.htm Acesso em 29 jul 2025

ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Lisboa*:* Edições 70, 2000.

FLORIANO, Maria da Graça. **Canjerê, Umbanda e Candomblé em Juiz de Fora (MG)**. Juiz de Fora: Editar,2024

EXU não é diabo': saiba quem é orixá mensageiro do enredo da Grande Rio". *G1*, Rio de Janeiro, 24 abr. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/24/exu-nao-e-diabo-saiba-quem-e-orixa-mensageiro-do-enredo-da-grande-rio.ghtml. Acesso em: 29 dez. 2025.

IBGE - **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**.Censo Demográfico 2022: religiões: resultados preliminares da amostra..Rio de Janeiro, 06 jun 2025. Site eletrônico. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=3136702&tema=10

ISAIA, A. C. **O índio brasileiro entre a Umbanda e o Espiritismo na primeira metade do século XX.** Revista Brasileira de História das Religiões, S. l.], v. 13, n. 38, p. 187-214, 2020. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/download/52581/751375150687/. Acesso em: 23 jul. 2025.

KARDEC, Allan**. O que é o espiritismo,**1859 .Tradução de Guillon Ribeiro. 56. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2013

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro. 1. ed. Paris: Didier, 1864.

LEAL,Arthur; DIAS, Pâmela**.Interesse por umbanda cresce e bate recordes de buscas no Google**.O Globo, Rio de Janeiro 13 mai 2023. Brasil. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/05/interesse-por-umbanda-cresce-e-bate-recordes-de-buscas-no-google.ghtml Acesso em 29 jul 2025

LINARES, Antônio Ronaldo; TRINDADE, Diamantino Fernandes; COSTA, Wagner Veneziani. **Iniciação à Umbanda**. São Paulo: Madras, 2010

LOPES, Nei (2014). «Itã». **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro

MARTINEZ.M.. **Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, [S. l.], v. 40, n. 3, p. 21-36, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/interc/a/YywYmt85GZrc4NRsjHytXYm/?lang=pt Acesso em: 23 jul.2025

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Atica, 2008.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

NÃO confunda com o diabo: quem é Exu, a entidade que gerou polêmica no RS.Portal UOL[S. l.], 04 fev 2025,Cotidiano. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/02/04/quem-e-exu-a-entidade-que-gerou-polemica-em-salao-paroquial-no-rs.htm Acesso em 29 jul 2025

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

ROHDE.B.F. **Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista[s. l.]** .Revista de Estudos da Religião, v. 8, n. 1, p. 77-96, 2009. Disponível em: https://www4.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf. Acesso em: 23 jul. 2025.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Ática. Acesso em: 07 jul. 2025. , 2000

VIEIRA, Carolina Ferreira.**Umbanda: Estruturas e Rituais**.2016.Trabalho de Conclusão de Curso - Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora,Juiz de Fora,2016

VEIGA, Edison. **160 anos do espiritismo no Brasil: por que religião 'vingou' tanto no país?** BBC News Brasil, 20 set. 2025. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5yerdr22zzo

VILAS-BOAS, Sergio. **A Arte do Perfil.** *In*: VILAS-BOAS, Sergio. Perfis: o mundo dos outros, 22 personagens e 1 ensaio. 3ª ed. São Paulo: Manole, 2014 p.271-287

APÊNDICE A - Pauta do capítulo 2

PAUTA PARA O CAPÍTULO 2 - MISTURAS NASCIDAS DA CHIBATA

1) Data da pauta: 22/09/2025

2) Tema: Os sincretismos e as especificidades de cada ser divino

3) Informações Gerais: Uma das principais características da umbanda é o sincretismo, englobando elementos de religiões como o espiritismo, o catolicismo e os cultos tradicionais africanos. De acordo com a pesquisadora Huldra Costa, apesar dessa mistura de elementos religiosos,eles não necessariamente são conflitantes, mas são cultuados de maneira única, preservando suas características.

4) Enfoque/Angulação : O capítulo abordará a questão a partir da visão da entrevistada sobre esses diversos elementos religiosos que permeiam a Umbanda. Sua relação com os orixás, com os guias e com os santos católicos, tudo dentro de sua vivência dentro da espiritualidade. Ao falar de sua relação com os diversos tipos de espíritos e divindades, trazer as diferenciações entre cada uma delas em sua vida religiosa

5) Entrevistada: Michelle Castro - Dirigente da Casa de Caridade Vovó Cambinda e do Ilê Asé Ifá Orire Alajê

6) Sugestões de perguntas:

1. Quem é Michelle, e como você descreveria sua vida até aqui? Onde você nasceu, como era seu ambiente familiar?
2. Onde você estudou e qual é sua profissão atualmente?

3. Quando a espiritualidade surge na sua vida? Qual foi seu primeiro contato com a Umbanda (ou com o Candomblé?). Qual era seu momento de vida e o que te fez gostar e ficar na religião?
4. Como foi o processo até você se tornar a dirigente do Terreiro Vovó Cambinda - Ilê Asé Ifá Orire Alajê, como foi essa trajetória e como foi para você?
5. Em suas palavras, como você me definiria quem são os orixás?
6. Como foi a descoberta dos orixás que regem a sua cabeça ? Desde então, como é sua relação com eles, como é a presença deles na sua vida fora do terreiro?
7. Partindo agora para os guias espirituais, como você os definiria?
8. Os guias, de modo geral, são divididos em grupos, ou falanges. Como você explicaria essas diferentes falanges espirituais (Caboclo, Preto-Velho, Exú, Baiano, Boiadeiro, Pomba-gira, Erê, Marinheiros…)
9. Como você me apontaria a presença desses guias na sua vida e a sua relação com eles ? Tem algum momento que você ressaltaria, em que a presença dos guias se mostrou de maneira mais forte?
10. Falamos dos orixás e dos guias. Pensando na religião como um todo, como os guias e os orixás estão conectados? Como eles se relacionam entre si?
11. Em relação aos santos católicos, no período da escravidão eles tinham principalmente o papel de esconder a origm africana da religião dos escravizados. No entanto muitos desses santos permaneceram na religião através do tempo. Como você enxerga o papel dos santos católicos na Umbanda da atualidade?
12. A preservação do culto a todas essas qualidades de espíritos e divindades vem através da ancestralidade. Pra você, o que é essa ancestralidade ? Qual a importância dessa ancestralidade?

7) Data prevista para a entrevista: 07/10

APÊNDICE B - Pauta do capítulo 3

PAUTA PARA O CAPÍTULO 3 - O DIABO ATRÁS DA CORTINA

1) Data da pauta: 08/11/2025

2) Tema: A entidade Exú, sua especificidade e os preconceitos

3) Informações Gerais: Exú é a entidade que mais é alvo de preconceitos, devido a sua associação errônea com figuras demoníacas. O babalorixá Marcello D'Ògún Onír, definiu os Exús de Umbanda como :"espíritos que em vidas passadas tiveram experiências à margem da sociedade e hoje buscam evolução ajudando os outros", sendo espíritos que assim como os demais cumpre o papel de aconselhar quem os procurar.

4) Enfoque/Angulação : O capítulo irá abordar o real papel de Exú, sua origem, quem eles eram e como é a presença desses espíritos na vida do entrevistado. Nesse sentido, o entrevistado irá abordar sua relação com Exú, como ele percebe a entidade na sua vida, bem como sua opinião sobre a associação das entidades com figuras diabólicas.

5) Entrevistado: William Venceslau - Dirigente do terreiro Egbe Babá Ajagunnon Ati Oyá

6) Sugestões de perguntas:

1. Quem é Willian e como você descreveria sua vida até aqui? Onde você nasceu, como era seu ambiente familiar?
2. Onde você estudou e qual é sua profissão atualmente?
3. Qual foi seu primeiro contato com a Umbanda? Como foi esse contato e o que te fez gostar e permanecer na religião?
4. Qual foi a primeira vez que você teve contato com Exú? Como foi esse contato e o que você sentiu?

5. Quais são seus Exús e como você descreveria sua relação com eles? Como você percebe a ação deles na sua vida?
6. Quem é Exú? O que diferencia eles das demais entidades e porque você acredita que eles são tão reverenciados pelos adeptos da Umbanda?
7. Na sua avaliação, porque Exú, diferente das demais entidades, é tão alvo de preconceitos?
8. Apesar de sabermos que eles não são figuras diabólicas, muitos pontos se referem a figuras como o Diabo. Na sua percepção, o que essa associação significa e porque elas são feitas?
9. Quem é Exú na sua vida?
10. Tem alguma situação, envolvendo seus Exús que você tem marcado na sua memória? Algum momento que você percebeu eles agindo na sua vida que foram marcantes pra você? Se sim qual é essa situação?

7) Data prevista para a entrevista:11/11/2025

APÊNDICE C - Pauta do capítulo 4



PAUTA PARA O CAPÍTULO 4 - RENASCER A CADA GIRA

1) Data da pauta: 14/08/2025

2) Tema: A mediunidade dentro da vida na Umbanda

3) Informações Gerais: A mediunidade é um dos aspectos principais dentro da ritualística da umbanda, sendo uma das principais formas de mediar a relação entre os adeptos e os espíritos. Na Umbanda é a principal forma de se comunicar com as entidades e orixás, sendo portanto um aspecto central na rotina do terreiro

4) Enfoque/Angulação : O capítulo deverá apresentar o processo que envolve a incorporação e também a descoberta da mediunidade, a partir da experiência pessoal do entrevistado. Incluí-se nesta pauta os processos, as responsabilidades e as preparações necessárias para a realização desses trabalhos. Outras informações que serão desenvolvidas no capítulo abordará os **tipos de mediunidade e suas especificidades e papeis dentro da vida no terreiro**. A forma de abordar essas informações será divida entre as falas da entrevistada e outras intervenções do repórter.

5) Entrevistada: Alessandra Leal, médium, umbandista e dirigente do terreiro Senzala do Pai João de Angola e Vovó Maria Conga

6) Sugestões de perguntas:[13]

1. Quem é Alessandra Leal? Veio de qual bairro daqui de Juiz de Fora, como foi sua construção de vida até a vida adulta (escola, trabalho, amores, família…) **Perguntas gerais sobre a vida de Alessandra, suas relações familiares, casamento, relação com a filha.**

[13] Como apresentado no item 5.3, nesta pauta, as perguntas não foram apresentadas à entrevistada, por isso em algumas constam algumas instruções que foram consultadas apenas pelo repórter

2. Como a religião se apresentou na sua vida? Foi a Umbanda inicialmente ou foi outra religião? Se sim, como foi a transição para a Umbanda?
3. Hoje, já compreendendo melhor o que é a mediunidade, você conseguiria me narrar o primeiro momento que você se lembra de sentir o contato com os espíritos? Como foi esse processo de entender, tem algum evento marcante que você destacaria nesse processo?
4. Fora do terreiro, como é sua relação com os guias espirituais? Você consegue me descrever como é a sua percepção da presença deles?
5. Dentro do terreiro, para exercer a mediunidade e a incorporação, existem diversos rituais e preceitos. No seu entender, quais são esses preceitos e porque eles são importantes para os trabalhos mediúnicos?
6. Lidar com a mediunidade é lidar com uma ampla gama de responsabilidades. Pensando nisso, como é pra você lidar com essas responsabilidades, principalmente no trato com as vida das pessoas? E quando você se tornou dirigente, como lidar com esse aumento de responsabilidade?
7. Sabemos que as incorporações não são totalmente inconscientes, é mais comum que elas sejam semi-conscientes. Nesse sentido, como você me descreveria a sensação da incorporação para você?
8. O que são os guias espirituais para você? (Algo subjetivo, focado em descrever as sensações e emoções em relação aos guias?)
9. É comum que na incorporação, tenhamos sensações diferentes ao incorporar cada qualidade de entidade. Nesse sentido, o que você destacaria de cada um deles?
10. No terreiro também tem os médiuns não rodantes, que de maneira geral são os cambonos da casa. Como você descreveria o papel deles e a sua importância dentro dos rituais?
11. O que é ser médium para você?

7) Data prevista para a entrevista: 02/09/2025

APÊNDICE D - Pauta do capítulo 5

PAUTA PARA O CAPÍTULO 5 - CANTANDO PARA NÃO MORRER

1) Data da pauta: 07/09/2025

2) Tema: Os pontos cantados e o papel do Ogã no terreiro

3) Informações Gerais: Os pontos cantados são um elemento central dentro das religiosidades de matriz africana. São cantigas geralmente acompanhadas do atabaque e de palmas, que cantam sobre a vida dos espíritos e também servem como um meio de os invocar para os rituais. Além disso, a figura do Ogã possui diversas outras atribuições e papéis dentro da vida no terreiro, principalmente em ritos mais associados ao Candomblé

4) Enfoque/Angulação : Apresentar a história de vida do entrevistado até a inserção da religião na sua vida e o processo de se tornar Ogã. Após isso, apresentar a visão do entrevistado acerca dos pontos cantados, sua importância, seus significados, seu papel dentro dos terreiros de Umbanda e seus significados para o entrevistado

5) Fontes/Apuração das reportagens: Arthur (Sobrenome), Ogã do Terreiro de Umbanda Caminho da Fé

6) Sugestões de perguntas:

1. Quem é Arthur, e com você me descreveria sua vida até aqui? Onde você nasceu, como era seu ambiente familiar?
2. Onde você estuda e como é o seu dia a dia?
3. Quando a espiritualidade surge na sua vida? Qual foi seu primeiro contato com a Umbanda (ou com o Candomblé?). Qual era seu momento de vida e o que te fez gostar e ficar na religião?
4. Como você descreveria seu papel dentro do terreiro? Como você se sente exercendo esse papel?

5. Fora do terreiro, na sua vida cotidiana, como você descreveria a presença dos guias e orixás na sua vida? Como você os percebe?
6. Como foi o processo até você se tornar Ogã? O processo da feitura e compreender as responsabilidades da religião ? (Aqui, apenas os detalhes que puderem ser contados!)
7. Como você explicaria o que são os pontos cantados e o que eles representam nas giras? (Bem dentro da sua percepção!)
8. Qual a importância desses pontos cantados? Tem pontos que você tem um carinho especial, por algum motivo pessoal? Se sim, qual?
9. Qual seu gosto musical ? O que você gosta de ouvir fora do terreiro?

7) Data prevista para a entrevista: 09/09/2025

APÊNDICE E - Pauta do capítulo 6

PAUTA PARA O CAPÍTULO 6 - EXÚ É POP

2) Data da pauta: 25/09/2025

3) Tema: A popularização das religiões afro-brasileiras para fora dos terreiros

4) Informações Gerais:O Censo Demográfico de 2022 (IBGE, 2025) registrou um aumento de 0,7 % de adeptos da Umbanda ou do Candomblé no Brasil. Além disso, reportagens indicam o aumento do interesse das pessoas por essas religiões entre pessoas que não necessariamente são adeptas.

5) Enfoque/Angulação : O capítulo irá procurar abordar a visão da entrevistada sobre essa popularização, seu entendimento sobre o que a expansão da cultura do terreiro para outros espaços (teatro, peças, redes sociais…) acarreta nos entendimentos sobre a religião (tanto positiva quanto negativamente). Suas impressões sobre o porquê dessa popularização e também sobre a importância dos filhos e filhas de terreiro de ocupar os diversos espaços da sociedade.

6) Entrevistada: Dandara Felícia - candomblecista e militante sindical

7) Sugestões de perguntas:

1. Quem é Dandara e como você descreveria sua vida até aqui? Onde você nasceu, como foi sua infância, como era seu ambiente familiar?
2. Onde você estudou e qual é sua profissão atualmente?
3. Como você definiria sua personalidade quando você era mais jovem?
4. Como a espiritualidade surge na sua vida? Qual era seu momento de vida, como que se deu esse primeiro encontro com o sagrado e o que te fez gostar e ficar na religião ?

5. Como foi o processo da transição para você ? Você poderia contar brevemente e pode resultar momentos que ficaram na memória e que te marcaram até hoje? A espiritualidade te ajudou nesse processo? Se sim, como? (Apenas o que você se sentir confortável para contar!)
6. Você passou pelo processo da feitura do santo ? Se sim como foi esse processo e como você se sentiu ?
7. O que o orixá representa na sua vida?
8. Hoje você é dirigente do SINTUFEJUF, além de ser uma agente política muito reconhecida em Juiz de Fora. Quando você acha que se deu o chamado para a militância e a vida pública? Qual foi a situação e por que você ingressou nessa luta?
9. Pensando hoje em dia, em um cenário religioso extremamente dominado pelas igrejas neopentecostais, como você avalia a situação dos povos de terreiro? De uns anos pra cá você acha que melhorou ou piorou de modo geral?
10. Uma matéria publicada no UOL possui a seguinte frase: “Likes ou fé: o que está levando os jovens para a Umbanda” , e apresenta diversas situações de uso das guias como adereços, de ampla divulgação da vida religiosa nas redes sociais e por aí vai. Como você avalia essa saída da cultura e do culto aos orixás e guias para fora do terreiro?
11. A vida no terreiro possui diversos ensinamentos e sigilos que só são passados entre os filhos de uma mesma casa. Nesse sentido, você acha que essa popularização põe em jogo esse aspecto da nossa fé?

9) Data prevista para a entrevista:30/09/2025